

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA**



**“Reinventar a Alegria”
Um Projeto de Teatro e Comunidade com Seniores**

**MESTRADO EM TEATRO
ESPECIALIZAÇÃO EM TEATRO E COMUNIDADE**

Juliana de Lima Trindade

Amadora, Outubro 2019

Relatório de Estágio submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro, especialização Teatro e Comunidade, realizado sob a orientação científica do Prof. Doutor Ciro Aprea e Co-orientação Prof.^a Especialista Rita Maria Bastos Wengorovius.

ÍNDICE

Agradecimentos

| | |
|--|----|
| 1. Resumo..... | 3 |
| 2. Introdução..... | 4 |
| 3. Enquadramento..... | 13 |
| 4. Teatro e comunidade | 15 |
| 4.1 Contexto do Teatro em Casa | 16 |
| 4.2 Activadores Criativos do Teatro em Casa: O que eu levei?..... | 17 |
| 4.3 O papel da Música no Teatro em Casa..... | 18 |
| 4.4 A importância do Jogo e do lúdico para a 3ª Idade (pandeiro) | 19 |
| 4.5 Memória e Narração Oral : As histórias como material dramaturgico..... | 19 |
| 5. Descrição dos contextos do Teatro em Casa | 21 |
| 6. Conclusão..... | 37 |
| 7. Bibliografia | 39 |

AGRADECIMENTOS

ETERNIDADE

"Quando meus filhos disserem a meus netos o quanto eu os amava e quando meus netos disserem a meus filhos que guardam lembranças minhas e de mim sentem saudade, não terei morrido nunca, serei eternidade."

Ronaldo Cunha Lima

Aos professores do Mestrado em Teatro e comunidade da (ESTC), pelas contribuições no meu processo de aprendizagem;

À Professora Renata Meira, (UFU) por me dar ferramentas através da dança no grupo Baiadô, para conhecer e intervir e viver essa experiência chamada comunidade;

A todos os meus amigos Brasileiros, que me apoiaram nesta minha jornada, e aos novos amigos Portugueses, Alemães, Italianos, Santomenses, Angolanos, Moçambicanos, que ajudaram na minha adaptação aqui em Portugal;

Aos Idosos do Projeto Teatro de Identidades, por abrirem a porta de suas casas e compartilharem suas histórias;

Ao meu orientador, Prof. Doutor Ciro Aprea da Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), pela paciência e fraternidade.

À Professora Rita Wengorovius da Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), que me acolheu desde que cheguei em Portugal abrindo as portas do Projeto Teatro de Identidades/Teatro em casa, lugar onde pude imergir, conviver e ter uma experiência sensível com os idosos de Portugal;

Aos familiares, que contribuíram direta ou indiretamente na minha vinda para Portugal em especial as minhas irmãs Maria Francisca e Maria Inês e minha mãe Candida que se reorganizaram e se cuidaram;

Acima de tudo aos meus Filhos Wanderson e Bárbara pela compreensão, amor e afeto durante esta minha jornada;

E ao meu neto Artur Henrique, o meu mais novo amor, por existir.

1. RESUMO:

O presente relatório expõe as experiências vivenciadas em contexto de estágio, no Projeto Teatro de Identidades/Teatro em casa. (com idosos que vivem sozinhos e/ou com mobilidade reduzida) e a diferença dessa relação teatral com os idosos institucionalizados na Unidade Residencial Aristides Sousa Mendes. O projeto implementado situa-se na área de Teatro e Comunidade e procura novas abordagens para um envelhecimento ativo/criativo. Analisa questões relacionadas com a população idosa, que tem vindo a aumentar dada o aumento da esperança média de vida, levando assim a ausência de cuidadores devido a diminuição das taxas de natalidade.

Tendo em conta o cenário descrito, as estruturas que acolhem os idosos ou que os apoiam são convidadas a implementar estratégias de ação para minimizar estas carências. Desta forma, a área do Teatro e Comunidade surge como resposta a esta problemática, devolvendo aos idosos o sentimento de pertença a um grupo e o sentido de projeto de vida desenvolvido através do projeto Teatro de Identidades fruto da parceria entre Escola Superior de Teatro e Cinema, Associação de Amigos da Escola Superior de Teatro e Cinema, e Município da Amadora que se realiza desde 2012, cruzamento de praticas artísticas comunitárias para a inclusão social.

Palavras-chave: Memória, identidade, criatividade

ABSTRACT:

This report presents the results of a project with Theater for seniors. A Home Theater Project. with elderly people living alone and/or with reduced mobility. A different theatrical relationship with institutionalized elderly people in the Aristides Sousa Mendes Residential Unit. The implemented project is located in the Theater and Community area and seeks new approaches for an active and creative adult.

Given the scenario described, what structures are necessary that older people are supported and invited to implement action strategies to minimize daily shortcomings. Thus, an area of Theater and Community emerges as an answer to this problem, returning to the elderly the feeling of belonging to a group and the sense of life project developed through the project of Identity is a result of the partnership between the Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), Association of Friends of the ESTC of Amadora, which has been conducting since 2012, intersecting community artistic practices for social inclusion.

2. INTRODUÇÃO

Quando, em 2017, fui convidada a trabalhar no projeto Teatro de Identidades, trazia a experiência do trabalho de arte na comunidade no Brasil, em Uberlândia MG, no bairro Jardim Canaã no Periferarte (Centro Cultural Social e Educacional Periferarte¹) em que o público-alvo era majoritariamente constituído por crianças e adolescentes. Estive como voluntária nesta Instituição desde a sua fundação em outubro de 2007 até a minha vinda para Portugal em 2016.

Ali desempenhei as mais diversas funções: artista, coordenadora, mediadora de conflitos, professora, organizadora de eventos, etc, a maioria destas funções aprendi fazendo.

Durante este percurso, um projeto trouxe visibilidade para as ações já desenvolvidas pela Instituição.

Este projeto foi desenvolvido por mim, uma equipe artística, e apoio do pelo Fundo Municipal de Cultura, durante dois anos. Foi uma grande aprendizagem, fundamental para eu querer ampliar o conhecimento e assim melhorar a minha prática artística comunitária.

Nesta altura, estava a frequentar a licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Candidatei-me para o programa de Intercâmbio Internacional, o qual aqui na Europa chama-se (ERASMUS). Fui admitida e, encorajada pelos filhos, familiares e amigos, cheguei aqui em Portugal.

Quando comecei a frequentar as aulas na ESTC, descobri através de uma amiga que nesta unidade orgânica do Instituto Politécnico de Lisboa, funcionava um Mestrado em Teatro e Comunidade; logo que soube destas aulas, fiquei ansiosa para conhecer o curso, pois no Brasil eu não conhecia nenhum mestrado com esta especialização. Pedi autorização ao Gabinete de Relações Internacionais e Mobilidade académica (GRIMA) para assistir a uma aula; a direção indicou-me o laboratório de Teatro e comunidade. Fui recebida pela Professora Rita Wengorovius que me convidou para participar das aulas. A partir daquele momento, comecei a participar com o grupo em Teatro fórum, intervenção em eventos sobre saúde, em escolas, bem como nas aulas de Teatro para seniores. Quando faltavam quatro meses para eu retornar ao Brasil, percebi que estava a viver uma experiência muito rica e gostaria de aprofundar o estudo nesta área de Teatro e Comunidade. Se voltasse naquele momento para o Brasil, acreditava não ter nova oportunidade. Conversei com os meus filhos que estavam no Brasil, e eles novamente apoiaram-me a continuar aqui em Portugal; inscrevi-me no Mestrado em Teatro e Comunidade e desde então tenho estado a viver novas experiências, de forma a validar a minha prática artística. Essa experiência instigou-me aqui em

¹ A Periferarte foi criada em 2007 por moradores do Bairro Canaã e desde então vem transformando a realidade da sua comunidade através da arte.

Portugal a investigar o papel do teatro e das artes para e com a comunidade Senior e o quanto pode ser transformador da mesma.

Através do protocolo da ESTC com o Município da Amadora, do projeto “Gerações Solidárias”, que proporciona um intercâmbio entre idosos e jovens, proporcionando casa para jovens em troca de um projeto cultural com a comunidade. Concorri e fui selecionada, e assim fui morar, durante um ano na Unidade Residencial para Idosos Aristides Sousa Mendes; esta experiência foi fundamental no meu percurso académico, pelo contacto com a comunidade sénior de forma intensiva e quotidiana, pude então perceber de que maneira poderia fazer a diferença na comunidade portuguesa com o projeto Teatro de Identidades

“Experienciar, aprender, criar e ensinar se mostra aqui como um caminho de desenvolvimento do educador engajado na complexidade da cultura contemporânea”

Renata Bittencourt Meira

O Centro Cultural Periferarte onde trabalhei no Brasil, e de onde trouxe grande parte da minha prática artística com comunidades, teve sua validação perante a cidade através do projeto Reciclarte que se desenvolveu em três etapas para a difusão e valorização de propostas socioculturais para o bairro Jardim Canaã; este bairro na época era considerado o segundo bairro com maior índice de violência da cidade de Uberlândia do Estado de Minas Gerais.

O objetivo do projeto era construir ações artísticas junto aos adolescentes, e queríamos ir mais além, criar um espetáculo de teatro-fórum/dança com a identidade coletiva desenvolvida no decorrer das oficinas.

A 1ª etapa do projeto Reciclarte consistiu em ministrar oficinas para capacitar através da dança/teatro os adolescentes para a construção de um espetáculo teatral.

As oficinas oferecidas foram as seguintes:

1. OFICINAS DE DANÇA: Por meio da dança e orientados por profissionais da área, trazer a partir do corpo reflexões sobre as problemáticas do contexto do grupo.
2. OFICINA DE TEATRO: Exercícios, Jogos e Técnicas Teatrais para criação de cenas a partir da Técnica de Teatro-Fórum.
3. OFICINA DE MUSICALIZAÇÃO: Por meio da música e orientados por profissionais da área, trazer a possibilidades de sons diversos para contribuição no espetáculo.

A 2ª etapa contou com a criação de um Espetáculo de Teatro Fórum construído coletivamente, a partir das habilidades desenvolvidas durante as oficinas. A 3ª etapa conta com a

contrapartida social do projeto que consiste na apresentação do espetáculo em duas feiras-livre da cidade pré-selecionadas:

1. Feira Livre - Bairro Jardim Canaã;
2. Feira da Gente – Praça Sérgio Pacheco, situada no centro da cidade de Uberlândia.

Estas ações visam o fomento de fatores culturais e econômicos para o desenvolvimento da comunidade do bairro Canaã e proximidades.

Justificativa do Projeto:

A escolha por esse bairro dá-se devido à demanda de adolescentes com alto índices de violência e enorme incapacidade de estudo e concentração. As artes neste projeto proporcionaram a inclusão artística e social através da Dança, Música e Teatro.

As duas escolas municipais do bairro Canaã já tiveram ou têm projetos dessas linguagens artísticas, porém sempre são projetos esporádicos e sem perspectivas de continuidade. Estas ações não são invalidadas pelo seu propósito motivador, pois mesmo com tais limitações tiveram êxitos em despertar nesses jovens o interesse pela arte.

Entretanto, quando esses jovens vão cursar o Ensino Médio disponibilizado na Escola Estadual do bairro, que não contempla projetos na área de cultura, ou precisam estudar a noite, eles ficam ociosos e sem acesso a bens culturais por outros meios ou instituições ficando, portanto, vulneráveis à criminalidade.

O Projeto Reciclarte pode acolher esses jovens, sensibilizá-los e conscientizá-los através da arte, possibilitando formas de extravasamento do potencial do(da) adolescente, na elaboração dos seus anseios e canalização de energias para ações em benefício social comunitário. Através desses jovens, conseguimos adentrar as suas casas, aproximar das famílias e assim conhecer de perto a realidade desses adultos para propor junto da Câmara novos projetos culturais envolvendo moradia, saúde e educação.

Assim como cita a Professora Rita Wengorovius em sua Tese Teatro de Identidades: “No município da Amadora, em particular, e de acordo com o Diagnóstico Social do Município efectuado em 2017, verifica-se também este aumento gradual do segmento da população sénior, representando presentemente 19% do número total de indivíduos” (p.22).

Por meio de um protocolo entre a ESTC e a Santa Casa da Misericórdia da Amadora que consistia em uma permuta entre os alunos com baixos rendimentos, graduandos do Mestrado em Teatro e Comunidade poderiam residir em uma unidade Senior para desenvolver atividades Teatrais. No dia 11 de novembro de 2016, fui uma das alunas selecionadas para morar na Unidade Residencial Aristides Sousa Mendes (URASM), Moinhos da Funcheira, Amadora, juntamente com

o *alumnus* Nelson e a colega de curso Cristina; nesta morada residiam 51 idosos entre os 70 anos e 95 anos de idade.

A Unidade Residencial Aristides de Sousa Mendes (URASM) foi construída pela Câmara Municipal da Amadora e é gerida pela Santa Casa da Misericórdia da Amadora (SCMA), tendo aberto as portas no dia 1 de fevereiro de 2016. É uma estrutura residencial diferenciadora para pessoas idosas, com capacidade para 51 utentes. Regida pelo estipulado nos Estatutos da SCMA e pela legislação que regula as IPSS's, pretende-se que a URASM seja um espaço que maximize a autonomia dos residentes, que promova o envelhecimento ativo e quebre as rotinas do envelhecimento, que mantenha a identidade de cada um e que desenvolva projetos intergeracionais, fomentando a solidariedade entre gerações (Santa Casa da Misericórdia, 2019).

Eu nunca havia estado em uma Unidade Residencial Sénior, e nesse primeiro contato senti-me impactada pela diversidade de estado de saúde dos Residentes e isso me desafiou a buscar estratégias para trabalhar teatro com essa comunidade; conhecia muito pouco sobre os costumes portugueses. Outro fator relevante da minha estada neste sítio foi que o meu visto era de estudante e as disciplinas na ESTC eram no período laboral, portanto o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) não me liberaria para ter um contrato de trabalho. Assim era minha obrigação que eu conseguisse trabalhar da melhor forma possível com este público, pois esta seria a minha garantia de um lugar para morar.

Eu tinha receio dos idosos não aderirem à proposta do projeto, grande estranhamento devido a ser o meu primeiro contacto com o público sénior e acredito que eles também o tiveram, pois não haviam tido contacto com a ludicidade teatral na instituição, sendo esta a primeira parceria. Isso gerou-me insegurança, sabia que precisava mapear o território, mas como vou fazer isso? Eu nem entendo direito o que eles falam e também os idosos em relação a minha fala, para além do sentido diferente de muitas palavras e alguns idosos manifestarem dificuldades na dicção e audição.

Os dias foram passando, os meus colegas do mestrado que também residiam na URASM viajaram de férias e eu pensei, tenho que começar! A primeira ideia que tive foi criar uma personagem para facilitar a minha aproximação com eles e com os funcionários da Instituição. Surgiu-me assim uma palhaça, a que dei o nome de Doutora Margarida, porque eu achava engraçado como eles pronunciavam o nome Margarida.

Certa tarde, depois de já estar caracterizada de Doutora Margarida, peguei meu pandeiro e um caderno rosa e fui à sala de convívio; no elevador, encontrei-me com uma funcionária que ao ver-me abriu logo um sorriso. Ela acompanhou-me até o refeitório e falou “Olha quem está aqui, é a doutora”. Neste momento comecei a conversar com eles, perguntar sobre o que gostavam de fazer, de que lugar de Portugal eles vieram. Como se fosse uma consulta médica, algumas coisas que eles me falavam eu percebia e outras não. Senti que também devia entrevistar os funcionários e assim o

fiz. O momento da entrevista não foi muito fácil, pois havia dois meses que eu chegara em Portugal, logo não conhecia praticamente nada sobre o país.

Quando mencionavam norte, eu não tinha noção de quais cidades faziam parte dessa região; assim a conversa não evoluía muito, mas eu anotava o máximo de palavras que conseguia entender. A primeira pessoa a dar-me atenção foi o senhor Fernando, um senhor muito querido que tinha muito ritmo, era alegre mesmo estando em cadeira de rodas. Depois, aos poucos, três senhoras disseram-me a poesia cada uma das senhoras lembravam-se de uma parte. Por fim, lembraram-se da poesia inteira – um poema oitocentista que vim a perceber ter sido muito popular e difundido, em termos geracionais e de memorização escolar.

“A Balada da Neve” - Augusto Gil

Batem leve, levemente,
como quem chama por mim.
Será chuva? Será gente?
Gente não é, certamente
e a chuva não bate assim.

É talvez a ventania:
mas há pouco, há pouquinho,
nem uma agulha bulia
na quieta melancolia
dos pinheiros do caminho...

Quem bate, assim, levemente,
com tão estranha leveza,
que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva, nem é gente,
nem é vento com certeza.

Fui ver. A neve caía
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria...
- Há quanto tempo a não via!
E que saudades, Deus meu!

Olho-a através da vidraça.
Pôs tudo da cor do linho.
Passa gente e, quando passa,
os passos imprime e traça
na brancura do caminho...

Fico olhando esses sinais
da pobre gente que avança,
e noto, por entre os mais,
os traços miniaturais
duns pezitos de criança...

E descalcinhos, doridos...
a neve deixa inda vê-los,
primeiro, bem definidos,
depois, em sulcos compridos,
porque não podia erguê-los!...

Que quem já é pecador
sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
porque lhes dais tanta dor?!...
Porque padecem assim?!...

E uma infinita tristeza,
uma funda turbação
entra em mim, fica em mim presa.
Cai neve na Natureza
- e cai no meu coração

Em uma noite quando se aproximava a hora do jantar, fui ao refeitório com meu pandeiro, o senhor Fernando pediu-me para cantar música brasileira. Lembrei-me da música “Trem das onze”, composta por Adoniran Barbosa; para meu espanto, a maioria deles conhecia a música e cantaram comigo. Em seguida, cantei “Garota de Ipanema”, composta por Antônio Carlos Jobim, mas não me

lembrava da letra inteira. Neste momento, iniciou-se um jogo de estímulo a memória, e Dona Odília, uma das utentes, conhecia a letra, e então cantámos juntas.

As funcionárias que estavam presentes naquele momento também cantaram connosco. Gostei muito, deram apoio à minha iniciativa e percebi uma forma de integrar funcionários e utentes. Percebi que aquele momento de interação trouxe uma leveza, um respiro para os idosos e funcionários, quebrando com a rotina das noites antes do jantar. Os dias foram se passando e agora, com alguns dados sobre o interesse dos idosos, e a aproximação do Natal nos reunimos, (eu, Cristiana e Nelson) para organizar o evento natalício.

Tínhamos grande responsabilidade que tudo corresse bem, pois seria o primeiro Natal da Unidade Residencial para além da presença dos familiares dos utentes e direção da SCMA. Dividimos as atividades que seriam realizadas com os idosos a partir do interesse dos mesmos. Nelson trabalhou o conto de Natal, “A menina da caixa de fósforos”, e eu fiquei com a parte das canções e poesia, a colega Cristiana contribuiu com o processo mas na altura, por motivos pessoais, não pôde estar presente.

Colaborei nos ensaios teatrais, mas não intervim diretamente nas decisões do colega, pois eu ainda não tinha muito treinamento em direção teatral para idosos (e este colega detém já o grau de mestre na especialização em Encenação, pela ESTC). Confeccionei chocalhos de rolo de papel higiênico com a ajuda de alguns utentes para que pudessem utilizar na festa. Assim, a maioria poderia atuar de alguma forma, seja cantando, tocando, dançando ou encenando. Ensaiámos as canções natalícias portuguesas, o poema “A Balada da Neve” e “O Lavrador da Arada”.

A festa de Natal chegou, e a Palhaça Doutora Margarida voltou à cena, agora interagindo também com os familiares. Iniciamos o evento com as canções e poesias, e depois tivemos o mencionado conto de Natal.

Vindo o lavrador da arada,
Encontrou um pobrezinho ;
E o pobrezinho lhe disse:
-Leva-me no teu carrinho.

Deu-lhe a mão o lavrador,
E no seu carro o metia;
Levou-o para a sua casa
Prà melhor sala que tinha.

Mandou-lhe fazer a ceia

Do melhor manjar que havia;
Sentou-o na sua mesa,
Mas o pobre não comia.

As lágrimas eram tantas
Que pela mesa corriam;
Os suspiros eram tantos
Que até a mesa tremia.

Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha:
Por cima damasco roxo,
Por baixo cambraia fina.

Lá pela noite adiante
O pobrezinho gemia;
Levantou-se o lavrador
A ver o que o pobre tinha.

Deu-lhe o coração um baque,
Como ele não ficaria!
Achou-o crucificado
Numa cruz de prata fina.

- Meu Jesus, se eu tal soubera,
Que em minha casa Vos tinha,
Mandava fazer preparos
Do melhor que encontraria.

- Cala-te aí, lavrador,
Não fales com fantasia.
No céu te tenho guardada
Cadeira de prata fina,
Tua mulher a teu lado,
Que também o merecia.

(poema da tradição popular, extraído do Livro de Leitura da 3ª classe, Ministério da Educação Nacional)

No início de 2017, comecei a trabalhar em limpezas domésticas, pois a minha bolsa do Brasil estava muito atrasada e o valor que eu recebia não dava para pagar as minhas despesas, além de ter aulas durante o dia; por esse motivo, não estava a conseguir ter muito tempo para os idosos. Eles também, ora estavam doentes ou se esqueciam do encontro, e arrumavam outras coisas para fazer. Nesse meio tempo, começou a trabalhar na URASM uma animadora sociocultural; e a partir daí, eles passaram a ter muitas atividades para fazer e na maioria das vezes os horários colidiam. No mês de outubro de 2017, comecei a conversar com eles para pensar no que faríamos de apresentação na festa natalina. Integrei-me com a animadora Rita e juntas planeámos a apresentação com as vivências do Natal na vida dos idosos que residiam na instituição, cujos relatos a animadora Rita previamente já havia recolhido.

Transformei algumas histórias em ação cênica. Participaram da apresentação teatral o Senhor João Serrano, Dona Conceição, Dona Helena, Dona Gertrudes. A cena se passava na casa de uma das senhoras, era um jantar de Natal entre amigos em que a dona da casa estava à espera de uma afilhada do Brasil que nunca havia estado em Portugal. Na casa da madrinha, esta afilhada conhece os amigos da madrinha e os costumes do Natal português. Uma das integrantes do teatro padece de Alzheimer, mas naquele momento conseguiu fazer bem a cena. Após a apresentação teatral, o filho desta senhora relatou a sua satisfação ao ver a mãe conseguir, através da interpretação teatral, resgatar memórias das quais ele pensava ela não fosse mais apta em evocar por causa da demência.

Acredito que morar na Unidade Residencial Aristides de Sousa Mendes contribuiu muito para que eu pudesse integrar o Projeto Teatro de Identidades, modalidade Teatro em Casa, pois ali pude conhecer as várias histórias, músicas, costumes de diferentes partes de Portugal e agora, no teatro em casa, a aproximação é mais intimista, o que propicia por vezes uma maior abertura por parte das pessoas que estão a receber o projeto em seu lar.

3. ENQUADRAMENTO

A Escola Superior de Teatro e Cinema possui a mais antiga tradição de ensino do teatro em Portugal (herdeira que é do Antigo Conservatório Nacional, fundado por Almeida Garrett no séc. XIX), criou em 1993 o Curso de Estudos Superiores Especializados em Teatro e Educação, e posteriormente a Licenciatura em Teatro e Educação. Em 2007, é criado o Mestrado em Teatro e Comunidade, único no panorama nacional, e que desde cedo desenvolveu um forte contacto com a realidade social humana do conselho da Amadora, segundo o então coordenador pedagógico (hoje já aposentado), Prof. José Pedro Caiado: “sentimos necessidade de alargar o espaço de atuação a outro tipo de estruturas, nomeadamente serviços educativos de museus, associações, grupos de teatro amador ou universitário, entre outras. Esta dimensão mais comunitária da ação teatral abriu a escola a experiências muito diversificadas, preparando o seu corpo docente para um outro patamar de intervenção em que o relacionamento com as instituições parceiras passou a exigir um acompanhamento mais continuado e uma reflexão - avaliação que fortaleceu o desempenho pedagógico e artístico dos nossos alunos.”

Fruto da Necessidade de um trabalho com as comunidades, foi criado em 2012 um protocolo entre ESTC, AAESTC (Associação dos amigos da Escola Superior de Teatro e Cinema) e CMA(Câmara Municipal da Amadora), divisão de serviço e intervenção social, surgindo assim o Projeto “Teatro de Identidades.”

Segundo a coordenadora artística e pedagógica do Projeto, Rita Wengorovius (2014), os objetivos e princípios orientadores deste projeto são os seguintes:

1. Fundamentar a relevância do desenvolvimento de projetos artísticos em contextos comunitários com seniores;
2. Promover e definir boas práticas profissionais (teatrais, poéticas, estéticas e éticas) neste âmbito de ação, através de uma gramática de criação artística de símbolos e significados compartilhados, estéticos e culturais;
3. O trabalho em teatro e comunidade integra ações que se desenvolvem segundo uma estrutura de projeto e com constante carácter de visibilidade territorial nos diversos momentos e modalidades de intervenção, a saber: criação da rede, percurso de laboratório teatral, momentos de comunicação em espetáculo, momentos de retrospção e avaliação;
4. A comunidade é simultaneamente finalidade e condição necessária do processo criativo. Os participantes são intérpretes e “material dramaturgico”, que é recolhido a partir da provocação criativa e da escuta, aprofundando o trabalho de encenação dos profissionais de teatro comunitário.

Um conceito de arte e participação que promove o sentido de pertença e identidade social;

5. O trabalho é realizado em equipa com a pluralidade de experiências e competências artísticas e teatrais, psicossociais e pedagógicas;
6. O Teatro na Comunidade deve valorizar a perspetiva artística privilegiando um processo criativo que construa uma linguagem teatral, fomentando a experimentação de linguagens teatrais direcionadas a contextos com seniores, ou seja, os artistas dão voz à comunidade cruzando-a com a sua própria pesquisa teatral;
7. O trabalho teatral e de projeto está constantemente em contacto com a verdade do processo social: os sujeitos envolvidos no processo teatral são coletivamente os autores das formas e dos conteúdos artísticos (pp.20-21).

4. Teatro e Comunidade

Podemos dizer que o teatro em comunidade está disseminado pelo mundo, mas são vários os entendimentos sobre seus significados aliados aos procedimentos práticos, além de possuir diversos termos para nomeá-lo.

Para Augusto Boal (1996) “[o] teatro é a primeira invenção humana [...], nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. [...] Esta é a essência do teatro: o ser humano que se auto-observa. Por isso, teatro ou teatralidade é a capacidade humana que permite que o sujeito se observe, permite imaginar, estudar alternativas ao seu agir” (pp. 28-29). Boal, autor do *Teatro do Oprimido* e tantas outras obras influentes, diz que o ser torna-se humano quando inventa o teatro.

Enquanto para Cohen, [Comunidade] é a entidade à qual as pessoas pertencem, maior que as relações de parentesco, mas mais imediata do que a abstração a que chamamos de «sociedade». É a arena onde as pessoas adquirem suas experiências mais fundamentais e substanciais da vida social, fora dos limites do lar (Cohen, 1985, p. 15).

Para Márcia Pompeo Nogueira (2007), estudiosa que procurou formular uma síntese teórica a respeito do que Teatro e Comunidade pode ser:

1. Teatro *para* comunidades: Este modelo inclui o teatro feito por artistas para comunidades periféricas, desconhecendo de antemão a sua realidade. Caracteriza-se por ser uma abordagem de cima para baixo, um teatro de mensagem.
2. Teatro *com* comunidades: Aqui, o trabalho teatral parte de uma investigação de uma determinada comunidade para a criação de um espetáculo. Tanto a linguagem, o conteúdo – assuntos específicos que se quer questionar – ou a forma – manifestações populares típicas – são incorporados no espetáculo. A ideia de vinculação a uma comunidade específica estaria ligada à ampliação da eficácia política do trabalho.
3. Teatro *por* comunidades: As próprias comunidades fazem parte do processo de criação teatral. (...) O teatro seria, neste sentido, porta-voz de assuntos locais, o que poderia contribuir para expressão de vozes silenciosas ou silenciadas da comunidade (p.79).

Em Teatro e Comunidade, valoriza-se a ética e a estética numa unidade comum. Portanto, segundo Nogueira, quando falamos em profissionais da arte em comunidades, precisamos de ter capacidades artísticas e pedagógicas, bem como uma grande capacidade relacional e de escuta, para proporcionar às nossas comunidades o respeito pelo seu espaço, cultura, crenças, fundamentais para o papel do artista-pedagogo.

Para o teatro em casa, o tempo da arte é mediador da relação; segundo Vicente (2018) “o tempo passa depressa ou somos nós que em tempos de agitação global não temos tempo para o que nos deveria ser mais importante, essencial? Grande parte do tempo estamos ausentes, alheados de

um mundo cada vez mais instantâneo. Aqui, em casa destas pessoas, temos a oportunidade de abrandar o ritmo e ir ao encontro de um tempo que não é o nosso (p. 135)².

4.1 O Teatro em casa

Todos os indivíduos são diferentes e enfrentam o envelhecimento de forma diferente. São diferentes a nível de saúde, personalidade, potencialidades, educação, cultura, estilos de vida, agregado familiar, rendimento e ocupação

Papalia

O teatro em casa nasce dentro do Projeto Teatro de Identidades como uma estratégia diferenciada no trabalho com idosos que vivem sozinhos e/ou com mobilidade reduzida. Pretendendo dar uma resposta inovadora e de trabalho criativo ao trabalho domiciliário, que na Amadora está em grande incremento.

A metodologia de trabalho segue os fundamentos do Teatro de Identidades, e pretende construir novas respostas ao envelhecimento da população e à questão do trabalho com idosos em domicílio. O isolamento dos idosos, nos domicílios e as respostas sociais que são essencialmente assistencialistas, foram os motores da proposta do projeto ao Município da Amadora.

Neste contexto, percebeu-se que somente o SAD, Serviço de Apoio Domiciliário. Este serviço é composto por uma equipa que vai a casa das pessoas e famílias que não possam cuidar de si ou das tarefas domésticas. Segundo o Plano Estratégico para o Envelhecimento Sustentável do Município da Amadora (2017),

[o] território da Amadora tem vindo a ser marcado por um envelhecimento gradual da sua população, confirmando uma tendência demográfica mais vasta a nível nacional e europeu. Prevê-se neste contexto que, pelo menos até 2025, venha também a aumentar a população com idade igual ou superior a 75 anos. Este padrão evolutivo irá refletir-se num aumento acentuado das necessidades relativas a cuidados básicos, autonomia e saúde, designadamente as que mais diretamente se relacionam com quadros demenciais (p.4).

O teatro em casa começou assim em 2016, com 2 casas e actualmente desenvolve-se em 6 casas, envolvendo cerca de 14 idosos. O artista-pedagogo que iniciou esta prática foi António Vicente (2018), mestre em Teatro e Comunidade pela ESTC; segundo ele, o trabalho artístico do teatro em casa é

entrar na casa de alguém, é entrar num espaço íntimo, repleto de histórias, de memórias, um espaço mágico, no qual imergimos e perdemos a noção do tempo. À nossa frente encontra-se a nossa guia, ou a guardiã do templo, aquela que seguimos e

² Cuando el teatro playback va a casa: una experiencia con los mayores.

escutamos atentamente, bebendo avidamente cada palavra e avançando gradualmente. Os elementos com os quais nos deparamos ao longo do caminho vão alimentando o nosso imaginário e enriquecendo o conhecimento que temos acerca do universo daquela pessoa (p.129).

O papel do teatro em casa é assim motor da arte enquanto construtora de possíveis e esperança, segundo François Matarasso (2019), no livro *Uma Arte Irrequieta*, no qual define a arte como um ato criativo por excelência:

O ato é criativo porque dá origem a (cria) algo que não existia anteriormente, mas a arte encontra-se no ato, não na coisa que este cria. O ato pode criar um objeto, uma composição, uma atividade performativa, uma história, um símbolo ou uma experiência. Pode ser de grandes dimensões e duradouro, como a Esfinge, ou breve e intangível como o haikai. Mas, sejam quais forem as suas características, a criação é a marca e resultado de um ato que se distingue de outros atos humanos pela sua intenção (p.39).

4.2 Activadores Criativos do Teatro em Casa - O que eu levei

Cada ser humano tem uma forma de ver o mundo a partir das experiências que teve, e isto vai influenciar no seu modo de agir, sobretudo no contexto do teatro em casa, que é fortemente apoiado no conceito de arte relacional.

Os ativadores criativos do teatro em casa foram: a relação artística; o *clown*; a música; a narração oral; o jogo teatral; e as partituras sonoras e corporais da dança para a comunidade.

Primeiramente, levo o meu *clown*, ele vai travestido de mim mesmo, não preciso do nariz vermelho, ele já está implícito na minha forma de chegar e de estar. Mas na primeira oportunidade, mostra seu disparate. Se me pedirem para fazer uma piada, eu não saberei dizer e se eu disser não terá graça nenhuma. Mas posso cantar uma canção alentejana a plenos pulmões, acreditando que estou a cantar igual a um alentejano. Ouvir uma anedota, não perceber nada e manter um sorriso amarelo.

Juntamente com o *clown*, levei para as residências a minha alegria acompanhada da escuta atenta, além de um pandeiro, telemóvel para pesquisar algo em tempo real, e uma coluna para ouvirmos alguma música que os idosos gostassem, assim como poesias.

Para Espinosa (2017) podemos contaminar e ser contaminados pela alegria. Esse fato ajudou-me a pensar no nome do Projeto de conclusão de curso “Reinventar a Alegria,” tendo como meu objetivo principal provocar a expressividade adormecida. Como fazê-lo? Essa foi uma das minhas questões ao deparar-me com situações adversas. Levando em consideração a minha relação com a música (no Brasil fui integrante do grupo Baiadô³), o pandeiro sempre esteve comigo para

³Sediado no Lab. de Ações Corporais do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, sendo coordenado pela professora Doutora Renata Bittencourt Meira, o grupo Baiadô trabalha com pesquisa e prática das danças da cultura popular brasileira. Formado por pessoas da comunidade local, de diversas faixas etárias e atividades

através do ritmo e da sua pulsação poder comunicar-me com os residentes do projeto Teatro em Casa.

“No mundo dos *clowns*, não existem fronteiras nem nacionalidades, porque eles não vêm de parte alguma, mas de todas as partes, falando todas e nenhuma língua” (Wuo, 2016, p.77).

Jara (2000) nos aponta isto mesmo

O *clown* é alguém que vive, sente e raciocina de todas as maneiras que uma pessoa pode registrar em qualquer de suas fases vitais: infância, adolescência, maturidade, velhice... Se diferencia de um personagem teatral no que este está permeado por toda uma série de características e relações dadas pelo autor, o diretor, os criadores, a dramaturgia os outros personagens. Pelo contrário, o *clown* só possui como referência aproximada a cada um de nós quando nos deslizamos até esse outro eu que é nosso *clown* (p.189).

4.3 O papel da Música no Teatro em Casa

Quão pouco é preciso para ser feliz! O som de uma gaita

Sem música a vida seria um erro.

Friedrich Nietzsche

A música é uma forma de arte que integra uma combinação de vários sons e ritmos, a partir de uma pré-organização ao longo do tempo. É considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana. Embora nem sempre seja feita com esse objetivo, a música pode ser considerada como uma forma de arte.

No teatro em casa, na maioria das vezes a música foi a minha maior aliada como estratégia de mediação com idosos. Promoveu respostas emocionais, afetivas, comunicação verbal, interação familiar, saída da rotina ociosa do dia-a-dia, ativou memórias de lugares, vivências pessoais, sociais, individuais e coletivas. Como nos ilustra Dona Odete: quando era altura do Carnaval e ela começou a cantar uma marchinha carnavalesca, “Mamãe eu quero”, do repertório de Carmem Miranda. Acompanhei a canção com o pandeiro e a vibração sonora trouxe a memória do seu tempo de menina e moça.

“A cena e o jogo são compostos por uma confluência de sons em comunhão com uma textura visual. Esse conjunto de elementos é constituído de uma musicalidade presente nesse acontecimento” (Pereira, 2012, p.164).

Para Dona Ana Maria, a música do grupo coral da Amareleja que levei para ouvirmos a fez lembrar da sua terra Amareleja (Freguesia de Moura, situada no Baixo Alentejo) e de suas vivências

profissionais, reunidas pelo interesse nas expressões culturais tradicionais através da dança, expressões cênicas, música e poesia

de infância com seu avô sendo recriadas através de suas histórias. O avô de Dona Ana Maria foi um influenciador musical da sua terra e integrante da Filarmônica da Amareleja.

4.4 A importância do Jogo e do lúdico para a 3ª Idade

A ludicidade é a maneira pela qual o jogador dá forma e asas à sua imaginação. É uma força motora que engendra um modo peculiar de relacionar as coisas. Ela é um impulso, como afirma Friedrich Schiller (2002) que para ele os impulsos são as forças motoras no mundo.

Nos encontros com os seniores, a ludicidade foi de grande importância, pois permitiu uma maior aproximação entre nós. A maioria deles relataram-me que ao longo de sua vida dedicou-se exclusivamente ao trabalho, mesmo na altura em que eram crianças. A partir desta aproximação, de uma forma geral, os idosos brincaram e puderam ver seus problemas de uma forma mais leve; acessando a imaginação e revivendo-os de outra forma. A interatividade promoveu criatividade, liberou tensões e emoções promovendo momentos de alegria.

Apercebi-me de que eles agora tinham mais predisposição para realizar outros afazeres para além de uma melhoria nos sentimentos de solidão, humor, motivação, comunicação e autoestima. “Todo o discurso ao criar a sua realidade mantém um jogo de relações (de identidade e de diferenças) com os outros discursos” (Santos, 1989, p.89).

4.5 Memória e Narração oral: As histórias como material dramaturgico.

Seleccionamos e escolhemos o que lembramos e a lembrança, como apercepção, tem aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (existem lembranças alegres e tristes, saudade, arrependimento, remorso). [...] também não se pode explicar o esquecimento, pois se tudo está espontânea e automaticamente registado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e facilidade para recordar outras

Chauí

Portanto, é necessário sensibilidade para ouvir as histórias e ser a ponte no avivamento das memórias que possam ajudar a pessoa perceber que, apesar de a vida continuar e que ela é importante mesmo que esteja com a mobilidade reduzida ou com alguma demência. Para Larrosa (2002) “[a] experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p.21). Dessa maneira, a experiência está diretamente relacionada com o que sentimos, com o que se dá ao percebermos o outro. Trata da possibilidade de

que algo nos aconteça ou nos toques, requer um gesto de interrupção, um gesto quase impossível nos tempos atuais.

Enquanto narrava a história, o senhor José movimentava o corpo como se estivesse revivendo aquele momento, aqui o ator é narrador de si, e através da sua ação e do seu corpo, reflexo do outro. Por exemplo quando o sr. José contou a história do tempo em que trabalha nos barcos disse:

Eu trabalhava nos barcos, levava garrafa de Blend 5 estrelas, 45% de álcool. Era proibido. E quando lá chegava - Tu bebes logo à noite, se o contramestre te vir, põe-te de castigo. Trocava a bebida por maço de sabonete Palmolive, Lux, pasta Colgate. Cá não havia disso em lado nenhum.

Os objetos pessoais tornam-se assim “objetos biográficos [como] são construções do mundo material que incorporam experiências de vida de seu possuidor. Como fonte de descobertas, o objeto biográfico ancora memórias que estimulam performances narrativas do colaborador. O significado biográfico dado ao objeto é efetivado na presença constante deste elemento material na vida de seus proprietários” (Almeida, Amorim, & Barbosa, 2007, p.102).

“Eu assimilo a marca como um elemento que deixa vestígio do seu passo. Podemos então relacionar a algo tangível como uma pegada, uma impressão, como uma ferida, ou algo abstrato como uma lembrança, uma sensação relacionando-a com a memória” (Guangioli, 2005, p.44).

5. Descrição dos contextos do Teatro em Casa

As atividades rotineiras e repetitivas habitam e moldam o corpo, condicionando musculaturas e atrofiando possibilidades. Convencendo-nos de que não podemos executar esse ou aquele movimento, que somos incapazes, insuficientes e inabilitados. Se nos submetemos a essa mecanização, abrimos mão de ampliar espaços, de ousar e de experimentar o novo, o não-conhecido e o não-dominado.

Boal

Residência – 1

Dona Odete, 85 anos, acamada, tem ossos frágeis, para sair de casa precisa de bombeiros ou enfermeiros, recebe cuidados de higiene através do centro paroquial. Ela está a morar na casa da nora, Dona Manuela (75 anos) e seu filho Rui (67), ambos com vários problemas de saúde. Percebi que existe um certo conflito familiar entre nora e sogra. No primeiro encontro, fui com a assistente Social Felipa (apoio Domiciliar), tendo sido ela que me apresentou à família. Neste encontro, foi a primeira vez que entrei em uma casa portuguesa. Até então, o meu contacto com idosos havia sido na aula de teatro que a Professora Rita Wengorovius ministrava na ESTC (Escola Superior de Teatro e Cinema) e na Residência Aristides de Sousa Mendes nos Moinhos da Funcheira – Amadora. Fui substituir outro artista, portanto ele já havia trabalhado algumas coisas com a família, tinham um guião que estavam a decorar. Um dos objetivos do projeto era aproximar a família, vizinhos e a apresentação da cena final seria a ponte para esse encontro. Mas partindo do pressuposto que antes de propor qualquer atividade devo conhecer as pessoas com quem vou trabalhar, a sua história, seus gostos tentei perceber se poderia dar continuidade àquele guião. Deparando com o contexto ali apresentado, percebi que deveria modificar a proposta do Júlio, pois na minha relação com a família desenvolvemos outro caminho.

Um prédio antigo, 2º andar, apartamento muito escuro. O quarto onde que Dona Odete estava possuía janelas, mas ela não gostava muito da claridade, havia um clima sombrio, abafado, triste, tenso. Em princípio, não tinha muito assunto e eles ainda eram muito fechados, portanto comecei um jogo de interatividade com o espaço. Perguntando sobre os objetos do quarto, quem os fez, de onde vieram, sobre os interesses pessoais dos residentes, etc. No quarto, havia muitos quadros na parede, feitos pela nora através do ponto cruz, dois armários com muitas louças de chá, mas ninguém utilizava, quatro cadeiras de madeira, uma poltrona e a cama da Dona Odete, esta cama era articulada que emitia um som peculiar. Da cama da Dona Odete, podia avistar-se a copa das árvores

do lado de fora. Ela falava do tempo através do balanço das folhas das árvores. Nesta casa havia uma gata da Dona Manuela que se chamava Safira Violeta.

Quando eu já havia esgotado o jogo do onde, comecei o jogo do quem sou, e falei um pouco sobre a minha família. Eu percebia que eles também tinham um olhar curioso sobre mim e isto ajudou a terem mais confiança no trabalho que estávamos a desenvolver. No decorrer dos encontros, Dona Odete disse-me ter morado na Venezuela e começou a declamar um verso em espanhol. Após ela declamar o verso, o filho falou-me que se tratava-se de uma música dos Gipsy Kings – “El Toro Y La Luna”. Imediatamente, acessei a internet para encontrar a música, ouvimos naquele momento e senhor Rui dançou com a gatinha Marie.

La luna se estaba peinando
Viendo espejos el río
Y un toro la está mirando
Y entre la jara escondió
Cuando llega la alegre mañana
Y la luna se escapa del río
El torito se mete en el agua
Embistiéndola al ver que se ha ido
Y ese toro enamorado de la luna
Que abandona por la noche la manada
Y el pintado de amapola y aceituna
Y le puso campanero al malloral
Los romeros de los montes le besan la frente
Las estrellas y luceros lo bañan de plata
Y el torito, qué bravío y de casta valiente
Abanicos de colores parecen sus patas
La luna sale esta noche
Con negra bata de cola
Y un toro la está mirando
Entre la cara y la sombra
Y en la cara del agua del río
Donde duerme la luna lunera
El torito de casta bravío
La vigila como un centinela

Y ese toro enamorado de la luna

Que...

Los romeros de los montes le besan la frente

Las estrellas y luceros lo bañan de plata

Y el torito qué bravío y de casta valiente

Abanicos de colores parecen sus patas

Palomeros de los montes le besan la frente

Las estrellas y luceros lo bañan de plata

Y el torito qué bravío y de casta valiente

Abanicos de colores parecen sus patas

Abanicos de colores parecen sus patas

Abanicos de colores parecen sus patas

Nos encontros seguintes, levei um chocalho para Dona Odete tocar, foi um estímulo para que ela se sentisse mais incluída e ajudá-la na coordenação motora. Por estar acamada, algumas vezes dançávamos apenas segurando as mãos; outras, eu dançava sozinha enquanto ela e Rui cantavam. Senhor Rui não dançava, pois dizia-me ter um problema na perna. Mas todos os dias fazia longas caminhadas recomendadas pelo médico. Em um desses encontros, quando cheguei ao quarto de Dona Odete percebi que ela estava muito animada e disse-me assim: “Tomei remédios para melhorar a voz, para cantar”.

Muito das memórias vieram através de conversas, músicas, jogos teatrais. Assim fui conhecendo a história de Dona Odete e sua família. Nas histórias de Dona Odete, sempre estava presente algo sobre gatos, inclusive lembrou-se do nome de alguns. Tareco (estive na família durante 13 anos na família), Amarelinho, Tequinho, Cicinho, Tileca, Nequinho, Nini (este era do senhor Rui), Loló (esta era a gatinha da história contada por dona Odete) e Argulinha (gatinha da irmã). Agora tinha na casa uma gata que se chama Safira Violeta.

Então percebi no que poderia dar maior atenção e que talvez o nosso caminho para a cena seria falar sobre gatos. Dona Odete fez uma poesia sobre gatos e algumas vezes ao recitar, chorava. E isso fez-me refletir até que ponto esse gato era uma alegoria da vida dela.

Propus um jogo com palavras. Por exemplo, eu inicio falando árvore e a próxima pessoa diz o que lhe vier à mente naquele momento. Neste jogo, o senhor Rui por duas vezes trouxe a palavra trabalho, depois veio à tona a sua loja que fechou por causa da chegada dos chineses e ele não conseguiu manter os preços que praticava e teve de encerrar o negócio. Um jogo que trouxe muitas informações por parte do senhor Rui foi o jogo “associação de palavras/era uma vez”. O jogo partia

do pressuposto do *era uma vez* e no decorrer da história, mostrava-lhes objetos surpresa retiradas da mala e a pessoa ia acrescentando aquela informação para a história.

Iniciou-se assim: era uma vez um gato maltês... Senhor Rui trouxe a temática do Alzheimer, ele e Dona Odete riram e eu fiz um sorriso amarelo (sorriso sem graça). Diante desse facto, percebi que o senhor Rui necessitava de outras atividades, apreciava Camões, já leu os *Lusiadas*. Um facto curioso que aconteceu, uma vez em que eu queria incluir, descobrir, conectar a família para criar algo teatral, levei algumas poesias de Fernando Pessoa para o senhor Rui. Na semana seguinte, perguntei se ele havia lido, gostado de alguma poesia. O senhor Rui, meio sem jeito e sem querer ofender-me, disse-me que não conseguiu ler tudo; por fim falou-me que não gostava das poesias do Fernando Pessoa.

Quando ele me disse isto, eu pedi desculpas por não ter percebido e rimos da situação. Então perguntei-lhe o que gostaria ele de ler e para a minha surpresa, ele disse-me que gostava de ler *Iracema* de José de Alencar e alguma obra de Machado de Assis. Muitas vezes, quando o senhor Rui reclamava da vida, eu ficava sem palavras, não sabia o que dizer, só ouvia. Por fim, consegui que ele fosse ao Teatro Recreios da Amadora assistir ao espetáculo infantil realizado pelos alunos da Escola Básica José Garcês na Mostra Escolar de Teatro.

Dei-lhe a saber como se inscrever na Biblioteca comunitária da Mina d'água. Outra novidade que me deixou surpresa foi ele declarar saber falar seis línguas, mas reclamava por não ter como utilizá-las. Dona Manuela participou de alguns encontros e em um deles disse-me que agora só ouvia músicas clássicas por causa da sua religião (Espírita Kardecista). Mesmo assim, convidei-a para cantar connosco e ela disse-me então: O meu filho disse-me se eu cantar até os patos põem ovos". Em outro momento de conversa falou: " Sou mulher de fazer festa, deitar os foguetes e apanhar as canas". Pedi-lhe o nome de alguns compositores de que gostava para que eu pudesse levar para os seguintes encontros, de modo a tentar manter a sua participação. Fez-me então uma lista com algumas músicas. Entretanto, comecei a ir ao quarto dela para interagir e integrá-la de alguma forma, já que a senhora era a dona da casa. Em sua sala de leitura, mostrou-me um livro de poesia escrito pelo avô; foi uma deixa para eu investigar o seu interesse pela poesia. Disse-me que lia muito poesia espírita. Pedi para ela recitar na apresentação final. Ela gostou da ideia, mas disse-me que improvisaria apenas palavras conforme a inspiração do momento; concordei e ensaiei com a família a sequência da cena.

Quando fui falar com Dona Manuela para, no dia da apresentação, convidar amigos e vizinhos, disse-me que não, pois os parentes e amigos moravam longe. E quanto aos vizinhos, ela não tinha muita proximidade, *cada um em sua casa!* Diante desta situação solicitei a sua ajuda para organizar a apresentação final.

Chegou o grande dia! Dona Odete era a protagonista. E o Sr. Rui escolheu uma poesia do livro do avô da sua mulher para recitar no dia da apresentação. Durante a chegada dos convidados, colocamos uma música clássica para os receber, e quando todos já estavam presentes, iniciamos a sessão com Dona Manuela a recitar umas palavras e um poema sobre o amor. Quando ela já estava quase a terminar, eu saí da sala e vesti-me rapidamente de gata. Todos aplaudiram Dona Manuela e, nesse momento, bate na porta uma gata moradora do prédio e a personagem gata achou que fosse uma reunião do condomínio e não havia sido convidada. A sua entrada cria uma certa confusão, reclama que não a convidaram porque não gostam de gatos. Essa foi a deixa para Dona Odete começar a falar do seu amor pelos gatos e declamar um poema que fez para eles. Após o poema, a gata sente-se acolhida e é convidada para participar da festa. Neste momento, o senhor Rui recita o poema da cadeira. No final, todos dançam ao som da música *Casa Portuguesa*, popularizado por Amália Rodrigues. E Dona Manuela oferece a todos lírios brancos e lanche.

A minha Cadeira, de Júlio Gaspar Costa

Já longe o tempo vai quando cadeira
Tuas partes senis eram chamadas;
Pobre de ti! Co'as pernas desgrudadas
Susténs-te numa angústia derradeira

O teu caruncho em tempos foi madeira
E as costas, de buracos tão crivadas,
Foram trambém outrora envernizadas
Mui antes de eu ter visto a luz primeira

Porem hoje estou pronto a abandonar-te
Pobre velha...e bem sei que vão lançar-te
Nas chamas do fogão; Mas de repente

Eu me lembro ...insensato! o que eu digo?
Eu serei tão cruel para contigo
Não tenho outra cadeira onde me sente?



IMAGEM 1: Cena teatral



IMAGEM 2: familiares/ Equipa Teatro de Identidades

Os encontros continuaram e agora a família já se sentia mais à vontade com a minha presença, algumas vezes recebiam-me de pijamas, sem os dentes postos e até despenteados. Na semana do Natal, Dona Manuela ofertou-me uma prenda, também me convidaram para um café na pastelaria e Dona Odete pediu-me para escrever algumas palavras que lhe vinham à mente. As palavras saíram naturalmente.

A Carta:

Ó Mana, ó minha Mana, Mana do meu coração.

És amiga minha amiga, tenho que pedir perdão.

Do Rui vais ter saudades, e eu de ti e de tudo isso é uma grande verdade. Vamos tratar do futuro, o futuro a Deus pertence, mas nele eu tenho esperança.

Esta vida é um vulto negro que anda numa vida dança.

Da Helena e do Joaquim, de ti e de tudo também vou sentir saudades.

O tio Paulo está velhote, mas tem boa companheira, fiel e dedicada durante uma vida inteira.

Da senhora Deolinda é amiga de verdade, também dela e da Família vou sentir saudades.

Dona Odete: “Comigo está tudo bem, Respiro está tudo bem.”

Estes encontros eram muitas vezes carregados de emoção, o que permitia à família revisitar memórias, gostos já esquecidos, pessoas e factos importantes de suas vidas, além de denunciar a falta de políticas públicas para a inserção do idoso no mercado de trabalho. Diante disso, as fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.

Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou ao menos de se expor a mal-entendidos. (POLLAK, 1989, p. 8) Dessa forma, ter alguém de fora para ouvi-los e fazer a ponte entre instituição e família traz uma alegria, uma esperança de mudança.

Ao final do projeto em casa de Dona Odete, Manuela sua nora escreveu-me estas palavras que tiveram muito significado para mim, uma vez que me encoraja a continuar neste trabalho, neste caminho. Um momento de troca.

Mensagem para Juliana com amor de uma amiga:

Abre teu coração para a alegria, para o amor, sê a luz que ilumina o teu caminho, mesmo que ele te pareça escuro, cheio de pedras, cheio de espinhos... Essa luz te ilumina e passarás todos estes obstáculos. Os teus olhos, a tua boca, os teus ouvidos são orientados por essa luz. O teu coração é enorme e brilhante para que possas albergar todos os que te procuram, mais os que vais encontrando na tua viagem terrena que é a tua vida... é no trabalho que realizas que te faz chegar a Deus nosso Pai, nosso criador. Bem hajás Juliana, sê feliz em Jesus. Manuela

Residência – 2

Senhor José 94 anos não ouve muito bem, mas consegue caminhar e Dona Fernanda, sua esposa, 87 anos, é a cuidadora do esposo. Senhor José gosta de ler as histórias sobre Portugal, tem um livro de História e geografia de Portugal do 6º ano. Em um de nossos encontros, emprestou-me o livro para que eu pudesse saber mais sobre a História de Portugal. Em um outro de nossos encontros, assim que cheguei a casa do senhor José, ele foi pegar o livro e mostrou-me um texto sobre a visão que os portugueses tinham de alguns brasileiros. Rimos muito. Ao final do encontro, emprestou-me o livro para que eu pudesse conhecer mais sobre a História de Portugal.

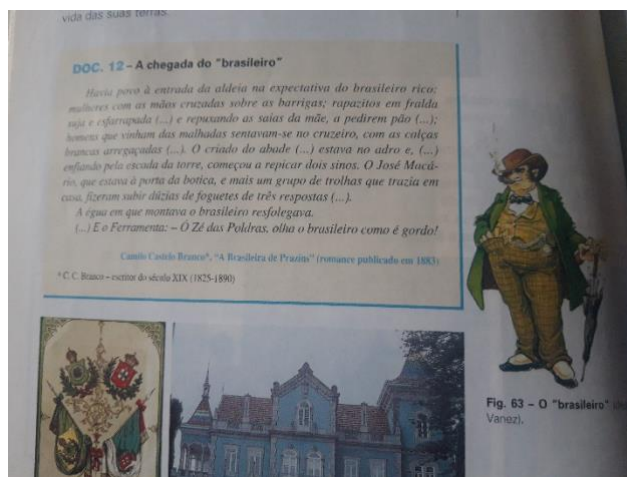


IMAGEM 3: livro 6º ano geografia



IMAGEM 4: livro 6º ano geografia

Trabalhou mais de 20 anos na manutenção de Navios, dentre eles o Navio-hospital Gil Eannes. Falava muito sobre a época de Salazar e o quanto a sua família e a população portuguesa sofreu. Tudo que se produzia em Portugal era exportado para as tropas que estavam em guerra nas colónias. Lembrava-se também dos negros que trabalhavam nas embarcações, presos a correntes e ele não os podia ajudar. Outras memórias eram sobre as trocas que fazia com outros trabalhadores. Trocava bebida por pasta dental, sabonete e até tecido, tudo as escondidas.

Era recorrente em nossos encontros o senhor José falar sobre os feitos do Marquês de Pombal. Na Altura em que estive em casa do senhor José, o projeto Teatro de Identidades tinha um tema comum para o encontro intergeracional no Jardim da Amadora. O tema escolhido foi os sonhos.

Partindo do tema, perguntei ao Sr. José sobre seu sonho, então disse-me ele que gostava de ter vivido na época do Marquês de Pombal. A partir desta fala, perguntei-lhe, se ele fosse o Marquês de Pombal, o que ele diria à população de Portugal hoje? Seus olhos brilharam e ele começou a interpretar o Marquês de Pombal. Criámos uma pequena cena que se agregou ao evento maior no jardim da Amadora, os filhos o levaram para o evento e o Sr. José estava muito feliz e sua

família também. Na cena, eu era a Neta que estava a dormir e sonhava que o avô era o Marquês de Pombal. E nesse momento, o Avô (Marquês de Pombal) dirige-se ao público a dizer umas palavras, como se tivesse regressado a Portugal em 2018; fala sobre a falta de preservação dos monumentos históricos, e das cidades em geral.

Deste modo, o Projeto Teatro de Identidades/Teatro em casa possibilitou a este ancião expressar seus sentimentos em relação a factos históricos, políticos e sociais.



IMAGEM 5: Sr. José e D. Fernanda



IMAGEM 6: Espetáculo no Jardim da Amadora



IMAGEM 7: Espetáculo no Jardim da Amadora



IMAGEM 8: Ideias para sonhar

Residência - 3

Dona Eulália, 85 anos, mora sozinha, uma senhora acamada que havia retornado a sua casa depois de ter passado muitos meses em um Lar no Norte do País. É da praxe a coordenadora da entidade que recebe o projeto Teatro de Identidades/ Teatro em casa acompanhar-me no primeiro encontro à casa em questão, para que as pessoas sintam confiança em me receber. No primeiro dia, que fui à casa de dona Eulália com a Doutora Lina Mendonça, assistente Social da Associação dos reformados e Pensionistas da Buraca para iniciar os encontros, a Doutora apresentou-me a senhora Eulália que ficou muito zangada com a nossa presença e disse-nos que não precisava de ninguém de teatro, pois estava doente, com dores. Eu acolhi a sua fala com carinho e respeito. Percebi que para além da dor era um desabafo, senti uma tranquilidade em dizer à senhora que eu estava lá para ouvi-la, conhecer as suas histórias de vida, e que ela não precisaria fazer nada se não quisesse e que a doutora poderia ir embora que eu iria depois. Após a saída da Doutora Lina, Dona Eulália começou a falar-me do lar onde esteve internada, disse-me também não ter-se adaptado ao local. Estava com saudades de casa, havia retornado para casa havia uma semana. Começou então a falar sobre seu trabalho, depois pediu-me para pegar uma caixa debaixo da cama; nesta caixa havia muitos forros de crochê que ela fazia. Falou-me que em uma certa altura da vida cantava o Fado. No decorrer dos encontros, propôs ensinar-me a bordar. Sempre que estava na hora de eu ir embora quase não conseguia, pois Dona Eulália queria conversar mais. No decorrer do projeto, fui percebendo a necessidade de falar sobre a minha família como forma de mediar a conversa, estreitar os laços, ajudar a pessoa a resolver ou entender alguma questão dando exemplos da minha própria vida. Os dias foram passando e em um dos nossos encontros, quando Dona Eulália perguntava sobre a minha família, li para ela uma mensagem que a minha filha havia-me enviado do Brasil; enquanto eu lia, Dona Eulália se emocionou, chorou. Falou-me dos problemas da família. Na semana seguinte, quando cheguei a casa, a senhora estava muito alegre e mostrou-me uma mensagem que havia escrito e enviado ao genro, parabenizando-o pelo nascimento do neto. O genro não mora mais com a sua filha e, por conseguinte, a senhora Eulália não falava com ele há tempos. Assim que ela enviou a mensagem pelo telemóvel, o genro ligou-lhe. Dona Eulália disse-me que conversaram sobre as netas quando eram bebês, fizeram piadas. Percebi que havia ficado muito feliz com a ligação do genro, encontro no qual ela sorriu muito. Este dia foi o nosso último encontro, pois ela estava a esperar uma cirurgia no quadril; e logo que saiu para realizar a cirurgia, nunca mais a vi. Saiu da instituição (Associação de Reformados e Pensionistas da Buraca) e a associação também não tem mais o seu contacto.

Residência – 4

Dona Florinda, 86 anos, está a morar com o filho há dois anos, após cair e partir o osso da anca. Quando a conheci, era uma senhora amargurada, com um aspeto meio depressivo, nem aceitava eu colocar música. “A televisão é a minha companheira,” disse-me ela; pois não consegue sair para lado algum pela dificuldade em caminhar e medo de cair. “Quando morava sozinha até pensava em suicídio”, confidenciou-me. Agora tem um passarinho e com a minha chegada deu-lhe o nome de Chiquinho, e verifico que dada a minha presença, a Dona Florinda sente-se estimulada a fazer bolos.

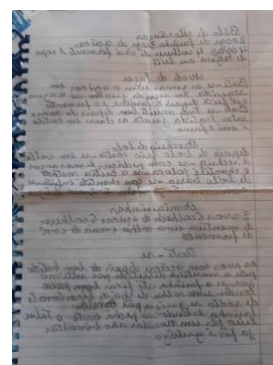
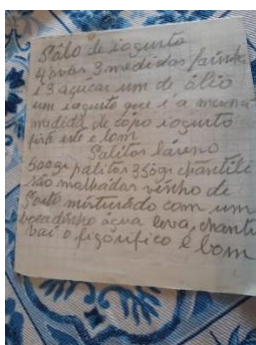


IMAGEM 9 : Bolo de laranja IMAGEM 10 : Receita bolo de Iogurte IMAGEM 11 :Receita bolo de morango

Quase todas as vezes em que vou a sua casa, a Dona Florinda oferece-me uma receita de bolo ou doce. Aos poucos, nos nossos encontros, tenho conseguido que ela faça alongamento, algum jogo teatral e tenha conversas mais positivas. Agora já percebe que precisa do filho e ele dela. No dia vinte e sete de junho de 2019, ficou muito feliz quando eu e a Prof.^a Rita fomos buscá-la para participar da apresentação teatral em São Brás. Nos agradeceu durante o percurso inteiro.

Este encontro proporcionou um convívio entre os idosos das instituições que fazem parte do projeto Teatro de Identidades/Teatro em Casa. O encontro iniciou-se com a equipa de artistas, que faz parte do projeto, a entregar galinhos de rosmaninho ao público ea cantar a música “Quando eu era pequenino”. Após entregarem o rosmaninho, declamamos uma quadra, a qual indicava o início da apresentação teatral. O primeiro grupo a se apresentar foi o Centro Paroquial de São Brás, o tema da apresentação foi “Retrato falado”. Esta apresentação teatral foi composta por seniores e crianças na idade entre três e cinco anos. Dando continuidade à apresentação, os artistas pedagogos voltam à cena com mais uma quadra, remetendo ao tema do grupo seguinte. Entraram em cena os Idosos do Centro Intergeracional da Quinta de São Miguel. A peça se chamava, “Conferência dos Pássaros”; António Vicente (artista pedagogo teatro em casa) colocou o áudio de um relato de uma senhora do Teatro em casa que, pela dificuldade na locomoção, não pode estar presente no encontro. Após o áudio, a palavra foi passada para Dona Florinda e outra senhora do Teatro em casa. Havia um tema

em comum: Retrato do Nós Único; difícil mesmo de descrever, um momento de empoderamento dos idosos, um momento de celebração da vida.



IMAGEM 12: Cena/Retrato falado falado



IMAGEM 13: Cena/Retrato falado



IMAGEM 14: Cena/Retrato



IMAGEM 15: Cena/Retrato falado

Percebi que Dona Florinda estava emocionada, entusiasmada, encantada com tudo o que estava a ver. Na semana seguinte, a Doutora Lina Mendonça, coordenadora da instituição, convidou-me para ir almoçar na ARPIB. Esta festa fazia parte da comemoração dos santos populares. Consegui tirá-la de casa pois havia uma sardinhada na associação dos reformados e pensionistas da Buraca, da qual a Dona Florinda faz parte. Após este almoço, iniciaram-se as férias e quando retornei à casa de Dona Florinda, percebi uma grande mudança; mostra-se mais positiva, percebo uma alegria no seu falar, até sorri, disse-me que está a fazer ginástica em uma bicicleta que tem no quarto. Esta bicicleta estava lá desde que eu havia começado a ir em sua casa mas ela não sentia vontade em se exercitar, mesmo sendo recomendação médica.

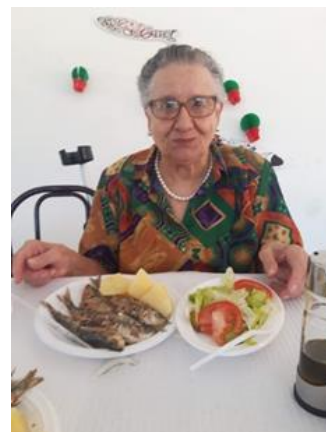


IMAGEM 16: Sardinhada na AURPIB

Residência - 5

Dona Ana Maria, 84 anos, mora sozinha; em princípio, uma senhora muito fechada e desconfiada, quase não saía de casa por medo em passar mal na rua, e um pouco triste. Algumas vezes, quando cheguei em casa dela, a senhora estava de roupão e com a conversa um pouco vaga. Mas aos poucos foi ganhando confiança e agora ela já tinha assunto para falar; cada dia a sua memória estava melhor e em um dos dias em que estive em sua casa, ela atendeu o telemóvel e falou para a senhora que estava do outro lado para ligar depois porque estava com uma amiga do Teatro – gesto que me fez sentir gratificada.

Os dias foram passando e ela então falou-me da Casa do Alentejo: “Quando eu era mais nova gostava de ir lá conviver”. Convidei-a para irmos passear neste espaço cultural, pois assim ela apresentava-me o sítio que eu não conhecia. Dona Ana Maria gostou da ideia. Disse-lhe a ela que passava em sua casa para irmos juntas; Dona Ana Maria disse-me que não, que preferia encontrar-se comigo no Rossio.

Mesmo com um pouco de receio pela senhora ir sozinha, não a contrariei. Enquanto caminhávamos, ela disse-me que na noite anterior teve febre, viu vultos, ficou com medo de morrer, pensou em ligar-me para desmarcar o nosso encontro. Mas, quando acordou no dia seguinte, estava melhor, lavou e arranjou os cabelos, maquilhou-se, estava linda! Durante o percurso até à Casa do Alentejo, a senhora foi descrevendo os locais, os conhecia muito bem pois já havia trabalhado durante muitos anos ali perto.

Passámos em uma loja muito antiga onde ela comprou rebuçados de mel que tanto gostava, seguimos em frente cumprimentou o senhor de uma loja de verduras. Ele a reconheceu. Durante o passeio, caminhávamos sem pressa, pela dificuldade da respiração de Dona Ana Maria e para que ela pudesse aproveitar ao máximo aquele momento.

Almoçámos na Casa do Alentejo, ela não me deixou pagar a conta, disse-me ter sido um convite. Enquanto esperávamos o almoço, um casal ao lado começou a conversar connosco; este casal era da terra da Dona Ana Maria, Amareleja (esta freguesia faz parte do concelho de Moura, no Alentejo).



IMAGEM 17: Almoço Casa do Alentejo



IMAGEM 18: Almoço Casa do Alentejo

Por acaso, conheciam pessoas em comum. Este encontro proporcionou momentos de muita alegria para Dona Ana Maria. Após o almoço, Dona Ana Maria mostrou-me as salas de baile com detalhes. Quando saímos da casa do Alentejo, passamos à porta do Teatro Politeama. A senhora disse-me ter ido muitas vezes àquele teatro, pois funcionárias do Teatro iam ao seu trabalho fazer concertos e lhe ofertavam bilhetes a ela e às colegas. Havia uma alegria ao relembrar dos momentos, e ao deixá-la em casa, Dona Ana Maria disse-me ter sido um dia muito feliz.

Residência – 6

Senhor Alves, 76 anos, mora sozinho, tem depressão, dentre outros problemas de saúde. Este senhor era muito fechado, em principio tive dificuldades em estabelecer diálogo, algumas vezes que fui a sua casa, pediu-me para voltar em outro dia. Os primeiros assuntos eram sobre o tempo, se estava calor ou frio, comentava sobre o programa de tv, sempre a tentar descobrir um fio condutor para desenvolver a conversa. Muitas vezes, depois dos nossos encontros, voltei para casa triste por não conseguir encontrar algo que o motivasse. Até que um dia, em uma de nossas conversas, vi uma máquina fotográfica antiga em um canto da sala e comecei uma conversa sobre fotografia. No desenrolar da conversa, o Senhor Alves disse-me que já havia sido fotógrafo profissional, e que na altura gostava muito, fotografava eventos dos mais diversos, principalmente jogos de futebol importantes e vendia as fotos para o jornal. Naquele momento, senti uma alegria sem tamanho. Comecei a levar fotos da internet ou fotos que tirava no caminho pelo telemóvel e pedia-lhe dicas. Dicas sobre fotografia que o Senhor Alves me transmitiu:

- 1- Para um bom fotógrafo, não é só tirar uma boa fotografia, a foto é o quinto ou o sexto elemento.
- 2- Conhecer a máquina, o ângulo que ela atinge, a luz que ela consegue filtrar (diafragma abre e fecha).
- 3- Um fotógrafo tem de saber o material que tem na mão para poder usá-lo.
- 4- As situações para fotografar, natureza morta, luminosidade em função ao objeto.
- 5- Natureza viva, pessoas, crianças outro tipo de situação. A pessoa tem de estar para a fotografia como a fotografia para a pessoa'.

Tivemos uma reunião de equipa para organizar a apresentação final daquele ano cujo tema escolhido, como já referi, foi “ o Sonho”. Nas reuniões, havia sempre o momento em que cada membro da equipa falava sobre o trabalho que estava a desenvolver, seja no Teatro em casa, seja nos centros de dia, e a partir das conversas, iniciava a construção da apresentação coletiva para a comunidade. Foi nesta reunião que propus fazer uma instalação fotográfica sobre o tema a partir do olhar do Senhor Alves. A coordenadora do projeto, Prof.^a Rita Wengorovius gostou da ideia sugeriu ampliarmos a instalação fotográfica com fotos dos ensaios dos diversos grupos, tiradas pelo mesmo. Antes de concretizar a ideia, porém, o Senhor Alves saiu do projeto; o filho o levou para morar em outro lugar em que pudesse cuidar do pai e da mãe. São vicissitudes que ocorrem num projeto com estas características e com a comunidade que ele mobiliza, e para as quais o artista-pedagogo tem de se encontrar preparado.

6. Conclusão

Este projeto veio ao encontro de uma necessidade da comunidade local em contribuir para a inclusão social dos idosos que moram sozinhos, ou possuem mobilidade reduzida. É um trabalho desenvolvido em rede, que se utiliza das ferramentas do Teatro e Comunidade e das suas dinâmicas. Por ser uma ação, que começa no individual para o coletivo, desenvolve a relação a nível familiar, da vizinhança e da comunidade local.

Pelos seus percursos de vida, repletos de trabalho e de abnegação, os idosos têm sempre muitas histórias para contar. Porém, devido à sua condição de isolamento, não têm a oportunidade de o fazer, por falta de alguém que os oiça, que lhes preste atenção e que os compreenda.

Se por um lado existe uma grande necessidade de partilha e de afeto, por outro, verifica-se a impossibilidade de o fazer e esta é uma realidade de carência afetiva que os desativa da vida, levando-os com frequência à depressão.

Acreditamos que a velhice é o tempo de viver e descobrir outras realidades que não foram possíveis de se viver antes. As pessoas selecionadas para este projeto têm em comum uma infância vivida à pressa, pelo que não tiveram a oportunidade de ser crianças, e de brincar em pleno. Muitas não fizeram a escola e tiveram que trabalhar para ajudar os pais, um facto a sociedade de hoje justamente rejeita por se tratar de exploração infantil, mas que, infelizmente, ao tempo em que estes idosos eram jovens, era uma situação comum, ainda para mais num regime político de ditadura, em que os níveis de pobreza eram altos em grande parte da população do país.

O nascimento deste projeto trouxe uma janela de oportunidades que reativou a vida destas pessoas e suas famílias. Através das expressões artísticas e dos jogos de infância, desenvolvemos processos criativos que resultaram em apresentações coletivas, nas quais compareceram vizinhos e familiares. Provocámos partilhas artísticas, onde os participantes experimentaram desejos que nunca imaginaram, sobretudo com jogos de valor simbólico.

O ir concretamente ao espaço íntimo da casa facilita a relação, reduz os medos, aumenta a segurança das pessoas que lá vivem e a sua autoestima; tudo condições propícias para cultivar a expressão teatral.

Este trabalho tem uma vertente que emana de uma equipa multidisciplinar na qual partilhamos estratégias de ativação do imaginário do idoso, reforçando e consolidando vários conceitos:

- O teatro em casa é uma prática artística e pedagógica com impactos sociais de inclusão e desenvolvimento da auto-estima pessoal e social, que vem ao encontro das novas estratégias de envelhecimento e participação do indivíduo sénior.

- O teatro em casa, ao criar relação, combate o isolamento e cria condições para desencadear a mudança de comportamentos; sobretudo, abre espaço ao surgimento do novo.

Neste tipo de trabalho e em cada momento da ação, usamos uma infinidade de técnicas que permitem o prazer dos participantes. *Clown*, musicalidade, ludicidade, poesias, improvisos cênicos são apenas algumas das muitas ferramentas que proporcionam aos seniores novas interações sociais e culturais.

Com estas dinâmicas e metodologias, facilmente o idoso auto-estimula-se e, naturalmente, resgata potencialidades que estavam adormecidas. É importante desenvolver e libertar o pensamento do idoso, evitando dependências que são amarras contrárias ao exercício da criatividade e re-significar a sua maneira de estar inserido no convívio social. Assim, conclui-se que projetos artísticos na comunidade, com esta dimensão e propósitos, devem continuar e ser implementados e alargados a outras instituições e territórios, não apenas da grande urbe.

Acreditamos que: “[a]prender a participar é apoderar-se de idéias, de hábitos e habilidades com um novo padrão de comportamento e isto é possível ao longo de toda a nossa vida. É através de um processo de educação permanente que podemos assumir uma nova posição frente às situações do nosso cotidiano, desenvolvendo nossas potencialidades, muitas vezes adormecidas, e acionando nossa criatividade”. (Nunes, 2001) Por isso, nos posicionamos a favor do Teatro e Comunidade, como um domínio de ação e conhecimento que visa o desenvolvimento de potencialidades sensíveis, estéticas e sociais, durante todo o percurso de vida. Notamos, claramente, que nossa exigência artística nunca foi posta em causa, por qualquer limitação física ou intelectual; procuramos sempre o que é essencial para cada um de nós, dentro da singularidade de cada um. Muitos dos projetos ligados ao envelhecimento ativo têm, aos poucos, conseguido uma maior visibilidade e importância social. Possibilitando com isso, uma mudança da pré-concebida imagem de fim e desenvolvendo uma imagem de continuação, realização e encontro individual e coletivo. Se considerarmos que o nosso futuro está agora presente no valor que damos às pessoas que já viveram outro passado, que não o nosso, conquistaremos o nosso direito de sermos valorizados como humanos e tesouros de histórias vivas e partilháveis.

O Andarilho

*Pois seu destino era estender os braços de mãos repletas do ouro da alegria,
compondo a vida sob cada passo, calcado além do chão de todo dia,
delineou no peito o próprio traço dos caminhos de amor que seguiria
e não se esvaziava seu regaço pois quanto mais se dava enriquecia.
Não tinha tempo nem lugar descritos para fazer cessar a caminhada de eternidade que ele foi criando;
e compreendeu que o mundo é infinito no tráfego de amor da própria estrada
e que chegar é sempre estar andando.*

Autor desconhecido.



IMAGEM 19: Cortejo Teatro de Identidades

7. Bibliografia

- Almeida, J. R., Amorim, M. A., & Barbosa, X. (2007). Performance e objeto biográfico: Questões para a História Oral de Vida. In *Oralidades - Revista de História Oral* (Vol. No. 2, pp. 101–110). São Paulo: Núcleo de Estudos em História Oral – USP.
- Bakhtin, M. (1987). *Cultura na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Bergson, H. (1983). *Ensaio sobre a significação do cômico* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Boal, A. (1975). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boal, A. (1996). *O arco-íris do desejo. Método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boletim Municipal da Amadora. (2017). Disponível em https://issuu.com/municipioamadora/docs/boletim_42
- Bondía, J. L. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.
- Bosi, E. (1999). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Câmara Municipal da Amadora (Ed.). (2017). *Viver Bem a Idade - PLANO ESTRATÉGICO PARA O ENVELHECIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMADORA 2016-2025*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora. Disponível em <http://www.cm-amadora.pt/intervencao-social/seniores/468-plano-estrategico-para-o-envelhecimento-sustentavel-2016-2025.html>
- Choque, S., Choque, J. (2006). *Actividades de animación para la tercera edad*. Badalona: Paidotribo.
- Cohen, A. P. (1985). *The Symbolic Creation of Community*. London, New York: Routledge.
- Dornelles, J. (2003). *Clown, o avesso de si: uma análise do clownesco na pós-modernidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Espinosa, B. de. (2017). *Espinosa - Origem e Natureza do Afeto*. Disponível em <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/>
- Fast, J. (2001). *A linguagem do corpo*. Lisboa: Edições 70.
- Fernandéz, A. M.(ed) (2018). *Teatro playback: histórias que nos conectan*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- Fraiman, A. (1995). *Coisas da idade*. São Paulo: Gente.

- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes.
- Goldfard, D.C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guangioli, S. M. L. (2005). *Memórias da mesa - A construção de uma história através dos objetos cotidianos*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Jara, J. (2000) *El clown, un navegante de las emociones*. Sevilla: Proexdra. Coleção Temas de Educación Artística, n. 2.
- Larrosa, J. (2001). *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas* (4ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Lecoq, J. (2001). *The moving body: The teaching creative theatre*. New York: Routledge.
- Lima, R. C. (2012). Eternidade. Disponível em <http://www.veramussi.com.br/reflexoes.php?cod=74>
- Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Irrequieta: Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Meira, R. B. (2005). Experienciar, aprender, criar e ensinar. *Revista de Educação Popular*, n.4, 103–114.
- Nogueira, M. P. (2007). Tentando definir Teatro e Comunidade. *DAPesquisa*, v.2(n.4), 77-81.
- Pereira, E. T. (2012). *Práticas lúdicas na formação vocal em teatro*. Universidade de São Paulo. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27155/tde-30082012-152236/publico/Eugenio.pdf>
- Pollak, M. (1989). *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3
- Santa Casa da Misericórdia. (2019). *Unidade Residencial Aristides de Sousa Mendes*. Disponível em https://www.misericordia-amadora.pt/3idade_urasm.html
- Santos, R. C. (1989). *Para uma teoria da interpretação*. Rio do Janeiro: Forense Universitária.
- Schiller, F. (1992). *Cartas sobre a educação estética do homem*. São Paulo: EPU.
- Spinoza, B. (2008). *Ética* (2ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Unidade Residencial Aristides de Sousa Mendes. Santa Casa da Misericórdia da Amadora. 2019. Disponível em https://www.misericordia-amadora.pt/3idade_urasm.html.
- Vicente, A. (2018). Quando o Teatro Playback vai a casa - uma experiência de teatro com seniores. Em A. M. Fernández (Ed.), *Teatro playback: historias que nos conectan* (pp. 129–136). Barcelona: Octaedro.

Wengorovius, R. (2010). *O Teatro e comunidade: Raízes, Árvores e Frutos*. Torino: Editora.

Wengorovius, R. (2014). Teatro de Identidades - Investigar e agir pela arte com seniores. In Câmara Municipal da Amadora & Escola Superior de Teatro e Cinema (Eds.), *Teatro e Comunidade - Projeto de Investigação com Seniores* (pp. 17–22). Amadora.

Wengorovius, R. M. (2017). *Teatro de Identidades*. Lisboa: Escola Superior de Teatro e Cinema.

Wuo, A. E. (2016). *O Clown : "desforma", rito de iniciação e passagem*. Campinas, SP : Universidade Estadual de Campinas.